



UNIVERSIDADE FEDERAL DA PARAÍBA
CENTRO DE EDUCAÇÃO – CE
DEPARTAMENTO DE EDUCAÇÃO DO CAMPO
LICENCIATURA EM PEDAGOGIA
ÁREA DE APROFUNDAMENTO EM EDUCAÇÃO DO CAMPO

MARCONI EDSON DOS SANTOS

**O FENÔMENO DO BULLYING E SEUS IMPACTOS NA COMUNIDADE
ESCOLAR: UMA REVISÃO BIBLIOGRÁFICA**

JOÃO PESSOA – PB
2023

MARCONI EDSON DOS SANTOS

**O FENÔMENO DO BULLYING E SEUS IMPACTOS NA COMUNIDADE
ESCOLAR: UMA REVISÃO BIBLIOGRÁFICA**

Trabalho de Conclusão de Curso
submetido à Universidade Federal da
Paraíba sendo parte dos requisitos
necessários para consecução do grau
de licenciado em Pedagogia –
Educação do Campo. Sob a orientação
da professora Marlene Helena de
Oliveira França.

JOÃO PESSO-PB
2023

Catálogo na publicação
Seção de Catalogação e Classificação

S237f Santos, Marconi Edson dos.

O Fenômeno do bullying e seus impactos na comunidade escolar: uma
revisão bibliográfica / Marconi Edson dos Santos. - João Pessoa, 2023.
40 f.

Orientação: Marlene Helena de Oliveira França. Trabalho de
Conclusão de Curso (Graduação em
Pedagogia - Educação do Campo) - UFPB/CE.

1. Bullying. 2. Comunidade escolar. 3. Família -escola. 4.
Violência na escola. I. França, Marlene Helena de Oliveira. II. Título.

UFPB/C

CDU 37(043.2)

MARCONI EDSON DOS SANTOS

O FENÔMENO DO BULLYING E SEUS IMPACTOS NA COMUNIDADE ESCOLAR: UMA REVISÃO BIBLIOGRÁFICA

Trabalho de conclusão de curso submetido ao curso de Pedagogia – área de aprofundamento Educação do Campo da Universidade federal da Paraíba, campus I, como parte dos requisitos necessários para obtenção do grau de LICENCIADO EM PEDAGOGIA.

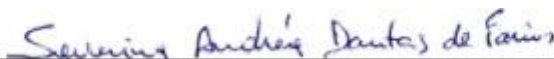
Assinatura do autor



APROVADO POR

Documento assinado digitalmente
 MARLENE HELENA DE OLIVEIRA FRANÇA
Data: 23/07/2023 02:02:36-0300
Verifique em <https://validar.iti.gov.br>

Orientadora: Prof.^a Dra. Marlene Helena de Oliveira França



Prof.^a Dra. Severina Andréa Dantas de Farias



Prof. Me. Luciano de Sousa Silva

JOÃO PESSOA-PB
2023

DEDICATÓRIA

Eu, Marconi Edson dos Santos dedico este trabalho, primeiramente a DEUS, que esteve sempre ao meu lado, promovendo saúde e sabedoria, ajudando-me a vencer as dificuldades do dia a dia de trabalho e estudos.

Aos meus pais que construíram uma família, que me deu o suporte necessário ao meu amadurecimento como ser humano.

A minha esposa companheira de todas as horas e ao meu filho que sempre me incentivou a lutar, para conquistar meus sonhos.

Meus agradecimentos, também, ao corpo docente da Universidade Federal da Paraíba, que de forma teórico-didático conseguiu fazer com que eu alcançasse o objetivo de uma graduação.

Aos colegas de universidade, que contribuíram significativamente para minha formação acadêmica.

“Aprendi através da experiência amarga a suprema lição: controlar minha ira e torná-la como o calor que é convertido em energia. Nossa ira controlada pode ser convertida numa força capaz de mover o mundo.”

Mahatma Gandhi

RESUMO

O presente trabalho buscou aprofundar a temática acerca do *bullying* e da violência escolar. Nessa perspectiva, intentamos compreender o conceito de *bullying*, e as consequências desse tipo de violência, em especial, no espaço escolar. Para tanto, usamos como referencial teórico autores que se debruçam sobre esta temática como: Gomes (2013); Silva (2017), dentre outros. Esse estudo objetivou também, responder, por meio da revisão bibliográfica, alguns questionamentos, tais como: O que desencadeia o processo de agressividade? Quais as consequências no processo de ensino-aprendizagem? Isto posto, elegemos como objetivo principal, a identificação e caracterização da violência escolar, praticadas nas instituições de ensino, seus gatilhos e prováveis consequências sociais e cognitivas. A pesquisa busca, também, se ancorar na legislação vigente em nosso país, a exemplo do Estatuto da criança e do Adolescente, lei 8069 e a Lei 9394 que estabelece as Diretrizes e Bases da Educação Nacional. Apresentamos uma reflexão sobre a contribuição, em conjunto, da família e da escola na minimização deste problema. Buscamos, também, em nossos estudos entender quais ações podem ser implementadas, nas escolas que tenham como alvo o enfrentamento e a correção de comportamentos agressivos e antissociais. O estudo chegou à conclusão de que há diferenças entre violência escolar e *bullying*, ambos eventos apresentam causas e propagações distintas, porém estão presentes na escola, atingindo os alunos e seu desenvolvimento como cidadãos e que para solucionar é necessário políticas públicas sólidas e que a escola, família e comunidade estejam empenhadas no tolhimento desses conflitos.

PALAVRAS-CHAVE: Bullying. Comunidade escolar. Família. Violência na Escola.

ABSTRAT

The present work sought to deepen the theme about bullying and school violence. In this perspective, we try to understand the concept of bullying, and the consequences of this type of violence, especially in the school space. To this end, we use as a theoretical reference author who focus on this theme such as: Gomes (2013); Silva (2017), among others. This study also aimed to answer, through the bibliographic review, some questions, such as: What triggers the process of aggressiveness? What are the consequences in the teaching-learning process? That said, we chose as our main objective the identification and characterization of school violence practiced in educational institutions, its triggers and probable social and cognitive consequences. The research also seeks to anchor itself in the legislation in force in our country, such as the Child and Adolescent Statute, Law 8069 and Law 9394 that establishes the Guidelines and Bases of National Education. We present a reflection on the contribution, together, of the family and the school in minimizing this problem. We also seek in our studies to understand what actions can be implemented in schools that target coping with and correcting aggressive and antisocial behaviors. The study concluded that there are differences between school violence and bullying, both events have different causes and spreads, but they are present in the school, reaching the students and their development as citizens and that to solve it is necessary solid public policies and that the school, family and community are committed to the curtailment of these events.

KEYWORDS: Bullying. School community. Family. Violence at School.

SUMÁRIO

1. INTRODUÇÃO	1
2. CONCEITUANDO A VIOLÊNCIA ESCOLAR	6
2.1 Escola e violência em suas múltiplas versões	9
2.2 Breve definição sobre bullying	13
2.3 Legislação e o bullying	14
2.4 Como combater o bullying	17
3 UM OLHAR PEDAGÓGICO SOBRE A VIOLÊNCIA ESCOLAR/ BULLYING	18
4 CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	28
REFERÊNCIAS	31

1 INTRODUÇÃO

A escolha do tema, deste estudo monográfico, logicamente, se deu por presenciar diariamente situações de conflitos, no entorno e dentro das escolas. A criança ao iniciar o processo de escolarização, enfrenta desde os primeiros dias, com diversas formas de lidar com a inserção em outro ambiente social, diferente do ambiente familiar, que decerto promove mudanças profundas nelas.

Não há como negar que essa separação se constitui por si só, num momento traumático, num tempo divisor de águas na vida das pessoas, estabelecendo o início de suas vidas, dentro do processo de escolarização.

Sendo assim, é fundamental, que as escolas estejam preparadas a dar a devida garantia de proporcionar um ambiente pacífico e acolhedor, capaz de promover o bem-estar de todas as pessoas envolvidas no processo de escolarização: alunos, professores, comunidade no entorno e colaboradores em geral.

O tema, violência/*bullying*, foi amadurecendo durante o curso de Pedagogia-Educação do Campo e da experiência enquanto guarda civil municipal, na cidade de Conde, município localizado ao sul da capital paraibana onde, infelizmente, presenciamos, todos os dias, ocorrências de violências no cotidiano da referida cidade, chegando estar, a ocupar o quinto lugar no *ranking* de cidades mais violentas do Estado da Paraíba. Muitas dessas violências são praticadas por menores de idade, que deveriam estar frequentando a educação básica. Os tipos de atos de incivilidade vão de menor potencial ofensivo, furtos, brigas, por motivos fúteis, e outras travessuras, até atos de extrema gravidade: racismo, assaltos, estupros, homicídios, entre outros atos de preconceito e discriminação, de extrema violência, que acontecem de várias formas que atingem de maneira mais frequente as camadas mais vulneráveis da sociedade.

Nosso caminho bibliográfico aborda em particular, temas como a escalada da violência nas escolas brasileiras, que acontece de forma crescente e assustadora. Tomamos inicialmente como exemplo, o massacre, ocorrido no bairro de Realengo no município do Rio de Janeiro, no ano de 2011.

Para Gomes (2013, p.08), “a noção de *bullying* (que é uma forma específica de violência escolar) tornou-se mais difundida e popularizada no país.” No entanto, muitas vezes, banalizada.”

Esta banalização do tema, a qual o autor se refere, aponta como resultado um aumento preocupante da violência, em diferentes espaços, mas, em especial no âmbito escolar.

Na ocasião em que realizamos esta revisão bibliográfica sobre “*bullying*” e violência nas escolas, somos surpreendidos pelas notícias trágicas no noticiário nacional, entre os anos de 2022, quando iniciamos a pesquisa, e 2023, as quais noticiaram mais cinco ataques a escolas, com um saldo perverso de 37 mortes dentro de escolas brasileiras¹.

Essa escalada da violência, acima mencionada, possibilitou que fosse dado início a uma mobilização nacional, de educadores e defensores da Educação Nacional, o que provocou uma intensa discussão na Comissão de Educação, Cultura e Esportes do Senado que requereu a realização de ciclo de audiências públicas, em conjunto com a Comissão de Constituição, Justiça e Cidadania (CCJ), Comissão de Segurança Pública (CSP) e Comissão de Direitos Humanos e Legislação Participativa (CDH), com o objetivo de debater as políticas necessárias à prevenção e à repressão da violência em estabelecimentos de ensino. (SENADO, requerimento nº 33 de 2023). Estamos convencidos de que, o enfrentamento a este problema requer uma mobilização urgente e contundente, visando se não o fim da violência escolar, ao menos, sua atenuação.

Isso posto, elegemos como objetivo geral de nosso estudo, identificar e caracterizar a violência escolar, praticadas nas instituições de ensino, seus gatilhos e prováveis consequências sociais e cognitivas, ancorados nos estudos de alguns autores/pesquisadores, que se debruçaram (e se debruçam) incansavelmente sobre o tema.

Como objetivos específicos, temos os seguintes: identificar os tipos de ações violentas mais frequentes no entorno e dentro da escola; verificar o

¹<https://www.poder360.com.br/brasil/brasil-teve-5-ataques-com-mortes-em-escolas-em-2022-e-2023/>

bullying como um dos atos de violência mais frequente na escola; identificar as políticas públicas que estão sendo realizadas para sanar ou amenizar tais violências.

Nesse passo, pretendemos alcançar os objetivos sinalizados anteriormente, respondendo aos seguintes questionamentos: o que leva aos indivíduos à prática de violência sistemática, seja ela psicológica ou física, de forma repetitiva? Quais avanços tivemos na discussão e legislação sobre o tema? Quais ações estão sendo adotadas pelo poder público no enfrentamento desta ameaça? Os profissionais de educação recebem formação específica sobre a temática? Se sim, essas formações são regulares, visando em última medida, a mediação de conflitos em sala de aula e no ambiente escolar? Existe articulação entre escola/comunidade que tenham como alvo o enfrentamento à violência?

As respostas para tais questionamentos justificam-se em razão da pertinência social do tema, mas, sobretudo, pela necessidade urgente de enfrentamento da violência em todas as esferas da sociedade, mas especificamente no ambiente escolar, pois, este deve ser o espaço que, verdadeiramente, promova o bem-estar social e a convivência pacífica dos (e, entre os) cidadãos dentro e fora das escolas.

Academicamente, o estudo se mostra muito pertinente aos estudantes dos cursos de licenciatura, a exemplo da pedagogia, bem como aos profissionais que já atuam nos espaços escolares, bem como aqueles, que de forma direta ou indireta, estejam envolvidos no funcionamento da escola, haja vista, que estes profissionais encontrar-se-ão (ou já se encontram) na linha de frente, travando os desafios diários inerentes aos processos de escolarização, e terão que lidar com diversas situações, que exigirão um esforço hercúleo, de cada profissional, na mediação de conflitos, intra e extramuros das instituições de ensino, ou sendo testemunhas ou até mesmo como vítimas desta violência. Para os profissionais que vão atuar nas escolas é fundamental compreender e assimilar todos os desafios que a profissão apresenta, para então, poder intervir de forma consciente e eficaz.

Para realizarmos este trabalho, escolhemos a pesquisa bibliográfica, pois a experiência vivida na condição de estudante de graduação; na realização de

estágios supervisionados, e atuando como profissional da segurança pública, nos permitiu conhecer inúmeras formas de violências, tanto no ambiente escolar quanto nos ambientes externos às escolas.

Nosso ponto de partida, foram as pesquisas já realizadas, sobre o tema, e quais mudanças significativas trouxeram às comunidades escolares, a metodologia será bibliográfica de análise de conteúdo, nos quais, livros serão estudados, sites e artigos que tratem da violência escolar e do bullying que atingem os alunos e como acabar ou amenizar tais violências atualmente. Segundo Cervo, Bervian e da Silva (2007, p. 61) a pesquisa bibliográfica “constitui o procedimento básico para os estudos monográficos, pelos quais se busca o domínio do estado da arte sobre determinado tema.” Sendo aquela uma extensão da metodologia descritiva, quando se quer alcançar meios de intervir em um problema, para tanto, serão trabalhados alguns textos, dados estatísticos, de organizações nacionais e internacionais’. Os autores são estudiosos na área e abordam a temática numa perspectiva mais contemporânea, a exemplo da obra da professora, Fábila Geisa Amaral Silva, mestra em políticas públicas pela Universidade Estadual do Ceará. Atualmente é professora na Secretaria de Educação básica, do Ceará e Secretaria de educação do município de Eusébio/CE. A autora tem experiência na área de Educação, atuando principalmente nos seguintes temas: ensino, aprendizagem, formação de professores, inclusão, sociologia, violência nas escolas e políticas públicas. No livro “apresentando e analisando as causas da violência escolar”, aborda temas extremamente pertinentes ao nosso trabalho: contextualizando a violência; violência e educação; tipos de violência escolar – ameaças, brigas, violência sexual, uso de armas e causas da violência escolar.

Tais temas contribuíram de forma significativa para a consecução de nossos objetivos, no sentido de conhecermos a problemática e possivelmente a estruturação de métodos, ferramentas, mecanismos sociais e políticos, que possam contribuir para uma convivência pacífica em nossas escolas e na sociedade como um todo.

Também nós apoiamos no livro “*Bullying* e a prevenção da violência nas escolas.” Que tem como autores, Luiz Flávio Gomes e Natália Macedo Sanzovo

Ele, bacharel em direito pela Faculdade de Direito de Araçatuba; mestre em direito penal pela Universidade de São Paulo e doutor em direito penal pela Universidade Complutense de Madri em 2001. Jurista, professor de Universidades nacionais e Internacionais e político brasileiro. Entre outros cargos, foi promotor de justiça e juiz de direito em São Paulo, tendo atuado também como advogado e exercido mandato de deputado federal por São Paulo. É autor de mais de sessenta livros, participando, também da coautoria de outros tantos textos.

No livro, *Bullying* e a prevenção da violência nas escolas, de Gomes e Sanzovo, abordam o tema, de maneira substancial, fornecendo informações valiosíssimas para o entendimento do fenômeno *bullying*. O compêndio está dividido em nove capítulos com os seguintes títulos: 1. O fenômeno do *bullying* e violência no Brasil; 2. Origem e primeiros estudos; 3. *Bullying*: uma visão multidisciplinar; 4. Stakeholders (partes interessadas): os envolvidos; 5. Aparentes e possíveis causas do fenômeno; 6. *Bullying*: quebrando mitos, construindo verdades; 7. *Cyberbullying* e a violência escolar; 8. Consequências: dos danos físicos e mentais à letalidade dos envolvidos; 9. Prevenção e combate ao *bullying*.

Com uma linguagem clara e objetiva, os temas abordados na obra, são de extrema relevância para definição e conceituação do fenômeno *bullying*, pois mostra uma direção, para aprofundarmos nossas pesquisas para o enfrentamento desta, que já podemos considerar como epidemia Nacional.

Além dos citados acima, tivemos a contribuição, não menos importante, de três trabalhos de conclusão de curso, realizados por estudantes do curso de Pedagogia, da Universidade Federal da Paraíba (UFPB): “VIOLENCIA NA ESCOLA COMO REFLEXO DA SOCIEDADE, da formanda Vilma Nunes Oliveira que realizou uma pesquisa de campo na Escola Estadual de Ensino Fundamental Governador Antônio Mariz, localizada no município de João Pessoa. A análise foi realizada com estudantes do 6º ano do ensino fundamental: “VIOLENCIA ESCOLAR: Entre Teorias e Experiências, da formanda Silvia Carneiro Andrade. Um Estudo na cidade de Santa Rita”. A pesquisa foi do tipo qualitativa de natureza exploratória e de campo com aplicação de questionários e entrevistas.

A pesquisa acima referida foi realizada na cidade de Santa Rita, que a exemplo do município de Conde, também fica na região metropolitana da capital paraibana e figura entre as cidades mais violentas do Estado, ocupando, por vezes, a posição de 2º lugar no ranking das mais violentas.

Outro trabalho analisado em nossos estudos foi “EDUCAÇÃO EMOCIONAL E PREVENÇÃO À VIOÊNCIA ESCOLAR” de Jefferson da Silva Pia, que em seu trabalho aponta à educação emocional como instrumento de prevenção as possíveis ocorrências de violência dentro das escolas. Os dados foram coletados nas bases digitais da UFPB e livros que se dedicam ao tema “violência nas escolas”.

Nesse sentido, este trabalho monográfico está estruturado da seguinte forma. No primeiro capítulo, na sequência dessa introdução, aborda a questão da contextualização das atitudes violentas no ambiente escolar, tendo como apoio um estudo bibliográfico, com trabalhos de especialistas, que contribuem à percepção de como estes processos ocorrem e como são tratados. Em seguida, discutimos a conceptualização da violência e escola com suas várias faces. Depois, apresentamos o debate sobre a prevenção e o enfrentamento, no sentido de combater a violência no interior de nossas escolas, as quais, devem garantir o bem-estar e a boa convivência, em um ambiente seguro e acolhedor.

2 CONCEITUANDO A VIOÊNCIA ESCOLAR

Nossos esforços, inicialmente, buscaram descobrir e entender os prováveis gatilhos que dão origem aos diferentes tipos de violências, em nossas escolas. Para tanto, diversos trabalhos de pesquisa foram investigados, a exemplo das pesquisas desenvolvidas pela Professora, da rede pública estadual, do Ceará, Fábila Geisa Amaral Silva, que em seu livro, intitulado: “Apresentando as causas da violência escolar”, colabora de forma significativa com a produção do nosso trabalho. Para contribuir, também, mas não menos importante, recorreremos ao livro: “*bullying* e prevenção da violência nas escolas: quebrando mitos, construindo verdades”, escrito pelo jurista Luiz Flávio Gomes (falecido em 2020). Além de outros trabalhos, que contribuíram significativamente com o nosso propósito de identificar e apontar algumas proposições na perspectiva de minimizar a violência escolar.

Nessa direção, Monteiro (2008) afirma, que “o *bullying* não é um fenômeno moderno, mas apenas agora vem sendo reconhecido como causador de danos e merecedor de medidas especiais para sua prevenção e enfrentamento.” Haja vista no cotidiano escolar nos deparamos com difíceis questões sociais e, mesmo com a todo suporte do corpo pedagógico, ela não consegue enfrentar sozinha a problemática da violência escolar, devido a sua alta complexidade. Daí, a necessidade premente do apoio técnico e humano, de infraestrutura, de ferramentas e recursos pedagógicos, em busca da valorização dos profissionais da educação, bem como, da união de todos, que direta ou indiretamente colaboram com o processo educacional de um país que se preocupa com sua nação.

A abrangência do “mau comportamento” escolar, tem uma dimensão extremamente horizontalizada e afeta todas as partes da instituição de ensino, conforme assevera Silva (2017, p.15): “a abrangência do fenômeno é tal que, praticamente todas as relações possíveis no ambiente escolar são afetadas: alunos, professores, funcionários e pais”.

Este trabalho, de natureza bibliográfica é motivado pelo desafio, urgente e fundamental, de enfrentamento ao problema da violência escolar, tal urgência evidencia-se, pertinentemente, no prefácio da publicação da peça: Violência escolar e bullying: relatório sobre a situação mundial:

Todas as formas de violência escolar e *bullying* violam o direito fundamental à educação para todos os estudantes. Nenhum país será capaz de atingir uma educação inclusiva e de qualidade se os estudantes estiverem expostos à violência na escola. A violência escolar e o bullying também podem afetar seriamente a saúde e o bem-estar de crianças e adolescentes, com consequências negativas que persistem até a idade adulta.”²

No relatório, produzido pela UNESCO e pelo Instituto de Prevenção a Violência escolar, da Universidade de Mulheres de Ewha, observa-se o quão urgente e necessário faz-se o engajamento e debate, mais cuidadoso, do tema, temos, pois, toda a comunidade que está envolvida, ativa ou passivamente, nos processos escolares, pois é essa mesma comunidade, incluindo especialmente, os alunos, a primeira a colher os frutos do processo ensino-aprendizagem. Isto

² Disponível em: <https://unesdoc.unesco.org/ark:/48223/pf0000368092>

é, a escola como instrumento formador de cidadãos, tem o dever de garantir esta formação e garantir a segurança e o enfrentamento à problemática da violência escolar. É fundamental, sobretudo, para garantir estes direitos aos mais vulneráveis no processo, sejam eles crianças ou adolescentes, negros, portadores de alguma deficiência, pessoas obesas, integrantes da comunidade LGBTQIA+..., são estes os mais propensos a serem alvos de agressores.

É possível afirmar que a violência, de um modo geral, tem aumentado de forma assustadora, em nossa sociedade, gerando uma série de consequências na vida das pessoas e de seus familiares. Tal situação afeta diretamente o seio familiar, influenciando no processo de ensino-aprendizagem dos filhos.

Por outro lado, as fronteiras da violência no tempo e no espaço se tornam difíceis de serem definidas. É por isso que, muitas vezes, a violência pode ser confundida com agressão e indisciplina, quando se manifesta na esfera escolar.

Como vimos, a violência no ambiente escolar comumente é conhecida como “*bullying*” sendo um dos comportamentos mais agressivos observados, atualmente. Sobre a origem do termo “*bullying*”, apresentaremos mais adiante.

Segundo o MEC, um em cada dez estudantes brasileiros já sofreram atos violentos de intimidação, com uso de violência física e psicológica, geralmente praticados dentro do ambiente escolar.

O ato de perseguir alguém, seja por sua cor de pele, condição física, status social e tentar subjugar-la, por conta de tais aspectos e ter um comportamento contumaz, caracteriza um tipo de violência escolar, bastante comum. Na escola, são inúmeros os casos não relatados, o que torna difícil a prevenção e o enfrentamento de um problema tão danoso que acomete todas as escolas, sejam públicas ou privadas.

Vejamos a seguir alguns trabalhos realizados sobre o tema e quais metodologias foram empregadas para compreender melhor as causas e efeitos que a violência escolar acarreta a sociedade, em toda sua completude, pois os efeitos desta mazela social vão para além dos muros das escolas, reverberando nas famílias e atingindo o coletivo da sociedade.

2.1 Escola e a violência em suas múltiplas versões

Segundo a Pesquisa Nacional de saúde do Escolar (PeNSE), realizada pelo Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), cerca de 14,6% dos estudantes de 13 a 17 anos, alguma vez, em sua jornada de estudante e contra a sua vontade, foram tocados, manipulados, beijados ou assediados de diferentes formas. A pesquisa revelou também que 6,3% dos alunos entrevistados, informaram que foram obrigados a manterem relações sexuais, contra sua vontade, pelo menos uma vez, sendo 3,6% dos meninos e 8,8% das meninas. São dados alarmantes, se considerarmos o universo de estudantes nesta faixa etária, cerca de 11,8 milhões de estudantes.

Na frase em que aparece o nome escola não deveria, jamais, aparecer junto, a palavra violência, mas a nossa realidade está longe de ter esse objetivo alcançado.

Para Silvia, “A violência tem várias faces, causas e motivos. É um fenômeno primitivo, universal e de difícil compreensão, com muitas polêmicas e controvérsias”. (SILVIA, 2020, p. 17). Além de polêmica e de difícil compreensão, a violência escolar ultrapassa os muros da escola.

No relatório, publicado pela UNESCO, é retratado a realidade destas instituições, que têm o dever de formar cidadãos. No entanto, convive cotidianamente, com a violência e o bullying. Para melhor compreensão de tal situação segue o parágrafo na íntegra:

A violência escolar e bullying podem ocorrer dentro e fora das salas de aula, no entorno das escolas, no caminho e na volta da escola, assim como em ambientes virtuais (online). Nas escolas, o bullying ocorre com frequência em locais como banheiros, vestiários, corredores e áreas recreativas, onde crianças e adolescentes são vistos ou supervisionados com menos frequência por professores e outros funcionários da escola (RELATÓRIO UNESCO, 2019, p.9).

O relatório aponta os principais desencadeadores da violência “bullying”: deficiência, gênero, pobreza ou status sociais, diferenças étnicas, linguísticas ou culturais, aparência física e orientação sexual, expressão e identidade de gênero. (UNESCO, 2019). Ou seja, o ambiente que deveria ser seguro, transforma-se em um lugar de tormento para várias crianças e adolescentes, que ficam seriamente prejudicadas no seu emocional, com sérias consequências-

negativas no processo de ensino-aprendizagem, prejudicando o desempenho estudantil.

De acordo com Gomes (2013): “A escola é um reflexo do meio social que a compõem.” Na visão do autor, as escolas têm autonomia, mas não são ilhas isoladas do mundo; elas reproduzem as características, modos, hábitos e regras culturais de sua respectiva comunidade.

Para Oliveira (2014, p.20): “A violência escolar é um processo abrangente que constitui uma das características contemporânea, conectando-se permanentemente com a realidade social”. Isto é, a violência, infelizmente, encontra-se numa via de mão dupla, vindo de fora para dentro e de dentro para fora das escolas. Esse fenômeno ocorre, por conta das diversas transformações presenciadas no universo escolar, perceptíveis a olho nu, que nos são apresentadas, logo na introdução do livro de Fábila Geisa Amaral Silva, intitulado: “Apresentando e analisando as causas da violência escolar”, e, de forma esclarecedora, a autora afirma:

Algumas dessas notáveis transformações foram: o surgimento de armas nas escolas, inclusive armas de fogo; a disseminação do uso de drogas e a expansão do fenômeno das gangues, influenciando na rotina das escolas, eventualmente relacionadas ao narcotráfico; o fato de que as escolas e suas mediações deixaram de ser áreas protegidas ou preservadas e tornaram-se, por assim dizer, incorporadas a violência cotidiana do espaço urbano (SILVA, 2017, p. 13).

Esta realidade, trágica, apresentada pela professora, constitui-se em uma estarrecedora e cruel constatação: a de que nossas crianças estão expostas e são presas fáceis para grupos criminosos e pessoas agressivas. Nesse contexto a lei, que predomina, é a lei do mais forte. Tal transformação causou uma profunda mudança na forma de tratar o problema ao longo da história e Silva continua:

Inicialmente, a violência nas escolas era tratada como uma simples questão de disciplina. Mais tarde, passou a ser analisada como manifestação de delinquência juvenil, expressão de comportamento antissocial. E hoje, é percebida de maneira muito mais ampla, sob perspectivas que expressam fenômenos como a globalização e a exclusão social, os quais requerem análises não restritas as transgressões praticadas por jovens estudantes ou às violências das relações sociais entre eles (SILVA, 2017, p.14).

Atualmente, o ambiente digital nos fornece uma velocidade, estonteante, de informações, de todo tipo, mas temos uma legislação que precisa de

aprimoramentos, sobretudo, para que este ambiente não continue sendo uma terra sem lei, em que nossas crianças e jovens ficam expostos a todo tipo de infortúnios.

Essa evolução tecnológica trouxe ainda alterações significativas para os diversos ambientes de nossa sociedade. O uso excessivo de equipamentos eletrônicos, tais como: smartphones, tablets e outros tipos de equipamentos, nos mostrou o desafio de entendermos esta mudança com um olhar menos crítico e mais adaptativo. São ferramentas que se bem utilizadas, podem auxiliar no processo de ensino aprendizagem, porém traz consigo, também e com muito mais força, as práticas hostis do *Cyberbullying*.

Esta transformação requereu mudanças significativas, inclusive alterando a rotina escolar. A comunidade escolar convive com o medo e a insegurança, o que, por vezes, acaba prejudicando o trabalho dos profissionais envolvidos no processo de escolarização. O comportamento de nossos estudantes também sofre graves alterações, tornando os processos mais complexos e demorados.

Além disso, fenômenos como a globalização, velocidade da informação, redes sociais, disputas políticas complexas, vivenciados nos últimos anos, desencadearam um aumento exponencial da violência escolar, basta assistir aos telejornais, que é fácil ter uma notícia envolvendo alguma escola pelo mundo, eventos estes que eram raros no Brasil, mas que, nos últimos anos, vêm crescendo assustadoramente.

Nesse sentido, vale destacar que, quando sai uma notícia, deste tipo, em um telejornal é porque o caso foi muito sério, deixando às agressões, consideradas de menor potencial ofensivo, fora das notícias e estatísticas.

Nesse passo, somos levados a crer que muitos casos de violência, ocorrem diariamente, e que não são notificados. Casos conhecidos pela administração escolar e, com certeza, casos que não são nem percebidos, pela equipe de profissionais que compõem a escola.

É consenso que o ambiente escolar seja projetado e concebido para a educação. Trata-se de um equipamento que pertence a comunidade no seu entorno. Esperamos que este ambiente, seja no mínimo, seguro para pudermos deixar nossas crianças e adolescentes, com uma certa tranquilidade e com o objetivo de promover a formação humana e transformá-los em cidadãos conscientes, livres e cientes de seus direitos e deveres. Porém, o ambiente

externo à escola passou por inúmeras transformações. Muitas delas, impulsionada pela velocidade das informações, que minaram a segurança no entorno da escola, conforme podemos perceber nas palavras de Silva (2017):

O fato de que as escolas e suas mediações deixaram de ser áreas protegidas ou preservadas e tornaram-se, por assim dizer, incorporadas à violência cotidiana do espaço urbano. Ademais, as escolas deixaram de certa forma, de representar um local seguro e protegido para os alunos e perderam grande parte dos seus vínculos com a comunidade (SILVA, 2017, p.13).

Vale ressaltar, já tem muito tempo, que a violência escolar e o *bullying* não poderiam mais serem tratados como um problema de indisciplina. Isso força os profissionais, que atuam no contexto escolar, a adotarem novas formas de abordagem em relação a prevenção e mediação de conflitos, com extrema cautela que o tema requer. O aumento da violência dentro do universo escolar, visto a olhos nus, nos convoca a tomada de decisões urgentes, com vistas ao aprofundamento dessa problemática, no sentido de que sejam discutidas ideias, que colocadas em prática tenham como alvo soluções para os conflitos escolares. Fábila Geisa Amaral Silva, em seu livro, alerta:

A sociedade brasileira, por sua vez, vem se deparando com um aumento das violências nas escolas, sendo diversos os episódios envolvendo agressões verbais, físicas e simbólicas aos atores da comunidade escolar, fato que despertou as atenções das diversas instâncias governamentais, dos organismos internacionais, e da sociedade civil (SILVA, 2017, p.14).

O desafio de resolver o problema da violência, em todas as esferas, é de extrema complexidade e, por isso mesmo, deve envolver todos os poderes constituídos e a sociedade civil. Da mesma forma, a violência escolar merece toda atenção, pois o fenômeno tem repercussão em todos os setores da sociedade, refletindo negativamente para o desenvolvimento sociocultural como um todo, prejudicando o processo de ensino-aprendizagem dos estudantes, que, em grande parte, não conseguem o desempenho de assimilação, produção de conhecimento e desenvolvimento cognitivo, objetivos maiores do processo de escolarização. E na outra ponta, estão os profissionais e técnicos da Educação, que também sofrem com falta de harmonia no ambiente de trabalho, uma escola sem preocupação com a violência, acaba não oferecendo o ambiente confortável e prazeroso, que deve fazer parte dos objetivos das escolas.

2.2 Breve Definição sobre o bullying

Bullying é um termo inglês, usado no mundo todo para designar uma violência, sofrida no ambiente escolar. Para Fante (2005, p. 19): “bullying refere-se aos comportamentos violentos e antissociais na escola, e a vontade constante de colocar outra pessoa sob tensão e intimidá-la física e emocionalmente”. Já a definição no relatório da UNESCO definiu o termo da seguinte forma: “A violência escolar inclui a violência física, psicológica, violência sexual e o *bullying*; é praticada e vivenciada por estudantes, professores e outros funcionários da escola.”

Por vezes, estas violências podem ser confundidas como simples brincadeira, o que é um erro, pois, de uma brincadeira não corrigida, podemos estar abrindo um caminho para atos violentos de maior potencial ofensivo. Em uma rápida pesquisa no google, facilmente encontraremos inúmeros casos de violências cometidas com armas de fogo, até mesmo por menores de quinze anos de idade, o que nos leva a refletir se a palavra *bullying* é suficiente para abranger e perceber facilmente, os diversos tipos de violências existentes em nossas escolas, não só entre estudantes, mas entre professores e estudantes. No entanto, muitas vezes os alunos cometem violência que atingem, também, membros do corpo técnico-profissional das instituições de ensino.

O conceito de “*bullying*”, para Constantini (2004), “é um comportamento ligado à agressão verbal, física ou psicológica que pode ser efetuada tanto individual quanto grupalmente”. O *bullying* é um comportamento próprio das relações interpessoais, em que os mais fortes convertem os mais frágeis em objetos de diversão e prazer, através de “brincadeiras” que disfarçam o propósito de maltratar e intimidar. Segundo Gomes (2013):

De origem inglesa, o *bullying* é derivado do verbo *to bully*, que significa “ameaçar, amedrontar, intimidar” (MICHAELIS, 2009). Mas o fenômeno realístico chamado *bullying* é muito mais vasto e complexo. Por este motivo, a maioria dos países que estudam e pesquisam o fenômeno adota a terminologia inglesa, justamente por não encontrar outras denominações que contenham o mesmo alcance da palavra inglesa (GOMES, 2013, p. 8).

A não compreensão, bem definida, da diferença entre violência escolar e *bullying* pode ser um erro e complicar ainda mais a questão. O problema da violência escolar é qualquer ato contra a integridade física ou mental, ou seja, a agressão pode ter contato físico, causando danos a outrem, lesão corporal, ou psicológica, através da intimidação, coação, menosprezo. Nas duas hipóteses, podemos ter a presença do *bullying* (atos de agressão e intimidação repetitivos/perseguição), o que nos leva ao entendimento que um fato isolado de agressão, seja fruto de um desentendimento isolado, por motivo diverso, que não apresenta episódios constantes, enquadrando-se, com certeza, como violência escolar, mas não como *bullying*, constituindo-se este em um mal ainda mais complexo e que deixa cicatrizes físicas e emocionais muito mais profundas e difíceis de serem sanadas, com consequências terríveis em alguns casos.

2.3 Legislação e o *bullying*

Nessa parte do nosso trabalho, decidimos apresentar como a problemática da violência vem sendo tratada na legislação. Sendo assim, começamos pela Constituição de 1988 da República Federativa do Brasil que é a carta magna orientadora dos processos legislativos na produção e regularização das leis complementares, que em seu Artigo de número 205 traz a seguinte advertência:

Art. 205. A educação, direito de todos e dever do Estado e da família, será promovida e incentivada com a colaboração da sociedade, visando ao pleno desenvolvimento da pessoa, seu preparo para o exercício da cidadania e sua qualificação para o trabalho³.

Temos uma preocupação da Constituição Federal, que os processos de educação contem com a colaboração de todos pela educação, ela invoca a união da sociedade em torno de uma mesma tarefa, colocando-nos o desafio de se fazer a boa educação, com qualidade e segurança. Esta recomendação é reforçada na Lei nº 9394/96 que estabelece as diretrizes e bases da educação nacional e traz em seu décimo segundo artigo, incisos VI, IX e X a seguinte redação:

³ Disponível em, https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/constituicao/constituicao.htm.

VI – Articular-se com as famílias e a comunidade, criando processos de integração da sociedade com as escolas;

IX – Promover medidas de conscientização, de prevenção e de combate a todos os tipos de violência, especialmente a intimidação sistemática (*bullying*), no âmbito das escolas;

X – Estabelecer ações destinadas a promover a cultura de paz nas escolas.⁴

A princípio, lendo estes três incisos, podemos até deduzir que eles não têm nenhuma força legal e ainda imaginar que pouco suscita preocupação com o combate à violência escolar e o *bullying*, mas se pararmos para pensar um pouco, o que estes incisos propõem, têm extrema relevância, basta pensarmos numa maior articulação entre a equipe de profissionais da escola e a comunidade, que não se reduza somente as festas comemorativas, a exemplo de festas juninas, e dia das mães.

Nesse sentido, faz-se necessário articular de maneira mais contundente e comprometida, uma participação verdadeiramente mais ativa entre os que integram o contexto escolar. Em outras palavras, estamos ressaltando que várias atividades pedagógicas podem ser pensadas para promover e fomentar a discussão sobre a problemática da violência, mas também, sobre diversidade, cultura, situações do dia a dia da comunidade e da escola.

Cabe salientar ainda, que a legislação que existe para combater a violência e o *Bullying* não tem sido suficiente para inibir essa prática e, conseqüentemente o comportamento agressivo de quem a comete. Demandando, portanto, por parte de todos os atores educacionais, de um olhar atento para as reiteradas práticas violentas no contexto escolar. Para tanto, faz-se necessário construirmos escolas boas e seguras. Além disso, exigir dos poderes públicos, que envidem esforços no sentido de se mobilizarem de forma mais orgânica, na direção do combate a este problema social.

Para ilustrarmos essa discussão, é importante lembrar que no Brasil tivemos em 2015, a homologação da lei 13.185/15 que institui o Programa de Combate à Intimidação Sistemática (*Bullying*) e define-o da seguinte forma:

Todo ato de violência física ou psicológica, intencional e repetitivo que ocorre sem motivação evidente, praticado por indivíduo ou grupo,

⁴ Disponível em: https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/l9394.htm.

contra uma ou mais pessoas, com o objetivo de intimidá-la ou agredi-la, causando dor e angústia à vítima, em uma relação de desequilíbrio de poder entre as partes envolvidas (Lei 13185, 2015).

Como forma de caracterizar a intimidação sistemática (*Bullying*) o texto traz as seguintes definições: “ataque físicos; insultos pessoais; comentários sistemáticos e apelidos pejorativos; ameaças por quaisquer meios; grafites depreciativos; expressões preconceituosas; isolamento social consciente e premeditado; pilhérias.” (Art. 2º da Lei 13185, 2015).

Como pudemos ver, a partir das diferentes definições, o *bullying* se apresenta de várias formas tornando-o, por vezes, difícil de ser identificado. Porém, é fundamental o monitoramento, por parte dos profissionais enredados, para a identificação de sinalizações que apontem às prováveis ocorrências de atos violentos. A mesma lei, em seu inciso VIII traz o seguinte texto:

VII – evitar, tanto quanto possível, a punição dos agressores, privilegiando mecanismos e instrumentos alternativos que promovam a efetiva responsabilização e a mudança de comportamento hostil.

Como podemos ver, o grande desafio é corrigir sem punir, tanto quanto possível, porque teremos situações em que algumas atitudes e comportamentos mais violentos a exemplo de lesões corporais graves, estupros, ameaça à vida, pois são casos que devem ser levados as autoridades policiais competentes para resolver com base na legislação pertinente.

Nesse momento a legislação vigente é a Lei nº 8069/90⁵, que dispõe sobre o Estatuto da Criança e do Adolescente e dá outras providências, bem como a Lei nº 12594/12⁶, que institui o Sistema Nacional de Atendimento Socioeducativo (SINASE).

Administradas pela vara da infância e juventude, estas leis são aplicadas com a análise do juiz responsável por cada caso que arbitrará as medidas socioeducativas, previstas nos dois ordenamentos jurídicos, acima mencionados. Os adolescentes infratores serão encaminhados ao Sistema de

⁵ Disponível em: https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/l8069.htm.

⁶ Disponível em: https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_Ato2011-2014/2012/Lei/L12594.htm.

atendimento Socioeducativo, em alguma Unidade de Atendimento Socioeducativo, que atenda aos requisitos mínimos previstos nas duas leis mencionadas neste parágrafo, onde o acesso regular à educação deve ser garantido, continuando aí o desafio da escola em promover a recuperação destes menores infratores.

2.4 Como combater o *bullying*?

Nos últimos anos, a violência se transformou em um dos maiores desafios da sociedade brasileira, incluindo aí, a violência escolar, a qual também tem representado uma grande preocupação para os educadores e educadoras. Diante desse desafio, levantamos o seguinte questionamento: o que fazer diante das situações de violências nas escolas? Somos do pensamento de que essa pergunta deve ser respondida pela sociedade como um todo.

Para Shecaira (2008, *apud*, GOMES, 2013), existem dois mecanismos para prevenir à violência escolar. Vejamos o que diz o autor a respeito do assunto:

Tais mecanismos dão origem ao controle formal ou informal. O controle social formal é o controle legal, aplicado pelo aparelho político do Estado, por meio de normas e sanções instituídas e outorgadas à sociedade. Já o informal diz respeito ao controle realizado pelas próprias instituições da sociedade: família, escola, grupos assistenciais etc. Trata-se de um controle desprovido da coerção estatal, pautados nos laços comunitários (SHECAIRA, 2008, p.60).

O Estado tem um papel fundamental para delimitar os limites, pois, as ações das instituições devem estar amparadas pela lei, haja vista, que o risco de se reverterem as culpas é muito alto. Além disso, existe toda uma legislação, que às vezes, engessa as atitudes que devem ser tomadas por parte das instituições, por isso, é fundamental um entendimento entre o poder público e a sociedade, para que o combate ao *bullying* tenha sucesso, visando mitigar esta prática nociva ao bem-estar social.

O fato é, os esforços são conjuntos e envolve toda a sociedade, que tem o dever de engajarem-se à prevenção e a tomada de medidas, para o combate à violência nas escolas, como bem aponta Oliveira:

É importante atividades comunitárias e o uso das instalações para eventos ou para o lazer dos moradores da comunidade a qual está - inserida a escola, contando com a participação e o envolvimento dos diretores, professores e outros profissionais, levando-os a substituir o

medo por novas posturas que contribuam para a superação de uma mentalidade violenta (OLIVEIRA, 2014, p.23).

Só a união de todos os envolvidos, sociedade e poder público, promoverá a solução deste problema, que afeta os estudantes, familiares, profissionais da educação e toda a comunidade no entorno da escola, que fica comprometida nas suas relações, pois a violência escolar reflete-se na comunidade, impedindo o viver com bem-estar.

É preciso trabalhar as competências dos indivíduos, buscando conhecer as características de cada um, respeitando a diversidade, tendo como alvo a boa relação entre as pessoas, e proporcionar o descobrimento e a aproximação da inteligência emocional. No livro *Psicologia, Educação e Novas Tecnologias*, podemos perceber o quão importante é fazer este tipo de ação:

Além da inteligência emocional, recomendada para que os grupos tenham um processo eficiente de gestão de conflitos, a teoria das inteligências múltiplas constitui um dos primeiros aspectos psicológicos levados em consideração. Os trabalhos com a dinâmica de grupo são invocados logo em seguida e eles também se apoiam em fundamentação psicológica voltada para motivação dos participantes (CENGAGE, 2016, p. 16).

Com essas iniciativas, as relações interpessoais são acentuadas, podendo gerar um entendimento maior acerca das diferenças entre os indivíduos, tornando o processo mais humanizado e eficiente no tocante à prevenção e controle das possíveis situações que possam dar início à violência escolar. É preciso antes de tudo, o incentivo/estímulo ao desenvolvimento emocional e as competências individuais.

3. UM OLHAR PEDAGÓGICO SOBRE A VIOLÊNCIA ESCOLAR/ *BULLYING*

É preciso entender também, que *bullying* é um tipo de violência escolar e não algo que esteja fora do contexto de violência escolar e precisa ser combatida como tal, com medidas eficazes que somem esforços de todos os envolvidos.

As ações que precisam serem desenvolvidas por aqueles que compõem a equipe escolar são várias, passando por: oficinas e treinamento do pessoal envolvido na educação, acolhimento dos estudantes na chegada à escola, estrutura física da escola, que deve ser pensada para garantir o bem-estar e à

prática de atividades físicas e culturais (quadra poliesportiva, piscina, biblioteca, ilhas de informática etc.).

Os equipamentos acima mencionados são importantíssimos para a prática de todo o planejamento pedagógico e para a formação de pessoas comprometidas com o bem viver e interagir socialmente, bem como uma maior interação. Pois, entendemos que estes equipamentos podem propiciar, entre a comunidade e a escola, reuniões periódicas para discussão de assuntos educacionais e comportamentais, eventos culturais, gincanas, oficinas de solidariedade e outras inúmeras possibilidades de utilização da estrutura física da escola.

Desta forma, em um país de acentuada diversidade cultural, étnica, religiosa e profunda desigualdade econômica é forçoso que os projetos pedagógicos, abordem tais diferenças de tal maneira, que os estudantes possam discutir e entender estas diferenças, promovendo um ambiente escolar que respeite, acima de tudo, o ser humano que todos nós somos, com direitos e deveres em comum: liberdade, igualdade, fraternidade, alimentação, educação, lazer etc.

Segundo as pesquisadoras Telma Vinha e Catarina de Almeida Santos, as escolas são lugares, onde pessoas frequentam e partilham dos mesmos interesses, lugar que os pais levam seus filhos, considerando ser este, estabelecimento de ensino, um local seguro, entretanto, quando existe momentos em que há, algo negativo dentro da escola, no tocante a ataques violentos, isso torna-se algo gravíssimo, que compromete a segurança de todoo grupo escolar, essa é a visão da professora e pesquisadora da UNICAMP (Universidade Estadual de Campinas), ao deixar claro, sobre casos de extremismos em escolas e o recente assassinato da professora Elisabeth Tenreiro, na Escola Estadual Thomazia Montoro, em São Paulo (SP).

Como coordenadora do grupo de estudos “Ética, diversidade edemocracia na escola pública” do Instituto de estudos avançados da UNICAMP, Telma Vinha participou no Webinário: “A cobertura jornalística de ataques a escolas”. A conversa foi mediada pela Associação de Jornalista de Educação (JEDUCA). Durante o evento, a pesquisadora dividiu e detalhou sobre a

pesquisa, e fez também o mapeamento de ataques extremos às escolas brasileiras, somente nos últimos vinte anos. Ela mostrou que o grupo de estudos da UNICAMP, registrou 22 ataques, sendo 16 deles cometidos por estudantes, e 12 por ex-alunos. A maioria dos ataques ocorreram em escolas públicas. Destes, quatro foram realizados em escolas particulares. Nove desses ataques, aconteceram nos últimos oito meses. Isso é altamente preocupante, pontuou a pesquisadora.

No Brasil, são jovens brancos entre 10 e 25 anos, que idolatram armas, apresentam diagnósticos de transtornos mentais, que não foram percebidos e tratados com a devida urgência que merecem. Eles têm características de isolamento social, com relações interpessoais muito mais online e não são populares na escola. Esse perfil corresponde a muitos dos envolvidos nos ataques que ocorreram, aqui e em outros Países.

Há, ainda, outras duas características de jovens que cometem este tipo de ato. São vítimas de bullying, que carregam episódios de violência na escola e aprendem na internet os métodos para planejar os ataques. Muitas vezes, são planejamentos meticulosos, como o que ocorreu em (Aracruz ES), que deixou quatro pessoas mortas: O adolescente à época com 16 anos, levou dois anos, planejando todo o delito que pretendia consumir, e neste dia alcançou seu objetivo, que foi ceifar a vida de quatro inocentes.

Muitos desses jovens e adolescentes, acordam em comunidades violentas e um só pensamento, que é o negativo, atraído principalmente por perfis de redes sociais, muitas delas homofóbicas, racistas, misóginas, extremistas que pregam o ódio e a violência.

Há poucos anos, o acesso à internet era mais difícil, atualmente não. Acessar os perfis que glorificam a violência com frases como “*bullying* acaba quando o tiro começa”, são narrativas que em nada contribuem para o enfrentamento do problema. Tratar a violência escolar como brincadeira de criança, que para muitos não passa de uma pilhéria, tem sido cada vez mais comum. Em muitos casos foram observados que, essas “brincadeiras”, quando ultrapassam o limite, podem se transformar em grandes tragédias.

A pesquisadora Telma Vinha, cita os jogos online, e fala que os jogos, não são os protagonistas, discordamos dessa tese, pois é no início do jogo, que o jovem ou adolescente, independentemente de quem está por trás de outro perfil tecnológico, jogando esses tipos de jogos com finalidade maléfica, já por si só, atrai a vontade de atravancar no mundo virtual do mal, uma vez que começou a jogar, seja por ter visto outrora, alguém jogando, já se envolveu de alguma forma. Claro e evidente, que quando começa a se interessar por um objetivo maior, que é aprender a fazer como quer, o ataque (s), a uma ou mais pessoas, se você tem um extremista por trás, dando toda a dica, e deixando os pensamentos do mal em condições de atacar com todas suas instruções recebidas, então podemos ver, que o jogo em si, tornar-se apenas mais um atrativo de brincadeira, que por sua vez, deixa passar despercebido pelos pais, que no meu ponto de vista, tinham que vistoriar todas as vezes estes acessos a rede mundial de computadores, ou regerar o tempo de acesso aos conteúdos das redes sociais de seus filhos, coisas que raramente acontece.

Nessa plataforma, geralmente o público-alvo são jovens de 10 a 22 anos, ou seja, ainda crianças já começam a enveredar para um caminho que pode lhe trazer problemas, e se tornando uma pessoa muito radical, e no meu ponto de vista, fica num patamar de que não quer conversa com ninguém, a não ser, aqueles que se comunicam na maioria das vezes, pelo mundo tecnológico, trocando mensagens, na sua maioria, com um único propósito: o de fazer mal com seu próximo. Pois, para acontecer esse tipo de evento, o sentimento de ódio já tem sido guardado, já faz tempo, devido, o agressor ter sofrido algum tipo de violência ou *bullying*.

Percebe-se que no Brasil, o que falta são políticas públicas, de forma efetiva, e que seja aplicada de forma correta para as crianças e jovens, sobretudo, das periferias. Se os envolvidos cumprem seus deveres com responsabilidade, os resultados são positivos.

Na maior parte das vezes, há um total descaso por parte do estabelecimento educacional, pois, como está tudo aparentemente tranquilo, quase nenhum funcionário, que atua na parte administrativa ou de gestão da escola, demonstra preocupação com a segurança, nem para si mesmo, tampouco, com a comunidade escolar. Ainda quem revela um pouco de

preocupação, é o vigilante ali presente e, quando tem, estará desarmado, pois para muitos gestores escolares, um vigilante armado, causará muitos constrangimentos, para a comunidade escolar.

No entanto, ao nosso ver, essa questão é muito complexa, pois, quando aparece um indivíduo bem munido de armas, se o vigilante estiver armado, dependendo da situação e momento, poderá salvar sua vida primeiramente, bem como, conseguir evitar uma tragédia. Porém, se estiver sem arma, o primeiro alvo será ele. Apesar de termos conhecimento da área de segurança, vemos que o porte de uma arma de fogo, não é algo simples. A pessoa tem que se adequar a uma série de exigências legais, iniciando pelo teste psicológico, depois por um treinamento de tiro ao alvo, teoria e prática.

O educador escolar, atualmente, precisa receber formação continuada, com abordagem em diferentes temáticas. Ele precisa estar atualizado para poder dar conta das demandas da profissão. É claro, que nem sempre uma capacitação lhe dará todas as respostas, tampouco resolverá todos os desafios encontrados na sua prática pedagógica cotidiana, mas o auxiliará na busca por melhores alternativas, sobretudo, quanto a saber gerenciar uma crise, dentro da sala de aula, bem como no entorno da escola, pois, ele sempre será um dos primeiros alvos, vez que é pouco provável que outro funcionário seja vítima de algum aluno, ou ex-aluno, que vá cometer um ato de natureza perversa.

Pelas razões acima expostas, ressalta-se a importância de que toda comunidade escolar, precisa receber o mínimo de orientações, de como se prevenir de um ataque, e instruir alunos, do 6º ao 9º ano. Na nossa ótica, tem que passar por uma capacitação, pois, esses já têm uma melhor noção de vida. De igual modo, o professor tem que ser um multiplicador de informações para os seus alunos, tantos dos conteúdos, como também, com as coisas que vem acontecendo de ruim em alguns estabelecimentos de ensino, seja público ou particular.

O professor tem que ser um observador, e sempre está atento, para verificar o comportamento daquele estudante que um dia era bom, e de repente, passa a ser indisciplinado. E, não só isso. Lidar com alunos indisciplinados, que não se comunicam com ninguém na escola, e que se ausenta muito das aulas,

aparecendo com atitudes diferentes, tem sido um desafio constante para o professor. Numa situação dessa, é importante fazer uma busca ativa desse tipo de aluno, para saber em detalhes o que está acontecendo. Porém, isso raramente acontece. Geralmente, só se toma uma providência, depois que ocorre uma tragédia.

A pesquisadora Telma Vinha enfatiza ainda, que uma explicação para o que está acontecendo com esses jovens, em especial, os jovens brancos, é porque estão com a sensação de estarem perdendo espaços nas Universidades Públicas, para outras pessoas, que outrora não conseguiam ocupar esses espaços. Ainda assim, sabemos que não é fácil que jovens da periferia ocupem os mesmos lugares que jovens brancos sempre ocuparam. Essa mudança depende da criação de políticas públicas e, a melhoria das já implantadas.

Para a pesquisadora, isso pode ser um dos motivos para gerar algum tipo de insatisfação num grupo de pessoas, desencadeando assim, os ataques contra pessoas mais vulneráveis. Por outro lado, é complicado afirmar isso, pois seria o mesmo que concordar que as pessoas que viviam nas condições de vulnerabilidade, e que não deixou de viver, apenas teve uma melhora significativa, não fazia esses tipos de barbárie, pelo contrário, sempre foram vítimas, e continuam sendo, claro, com menos proporções que antes.

De todo modo, na visão da pesquisadora, esses grupos têm um poder de persuasão e que sejam cumpridos, pois por trás desses grupos maléficos, sempre tem uma liderança que por sua vez, passa todo tempo doutrinando a cabeça desses jovens para o caminho do mal e, na maioria das vezes, são aqueles que mais são vítimas de assédio nas escolas. Por isso enfatizamos, que a escola precisa ter um mínimo de atenção para com seus estudantes. Ocorre que, na maior parte das vezes, a escola deixa passar despercebida, todas as questões de indisciplina, como também qualquer tipo de violência, bem como o *bullying*, que é o tipo mais comum, e o provocador de eventos mais trágico, a exemplo dos ataques às escolas.

Tudo isso acontece porque o extremista que está no outro lado, fica fomentando o que é de melhor para ele, que é causar dor a toda comunidade escolar, ou até mesmo acadêmica. Isto é, o estudante malfeitor e ex-aluno, o

suposto líder, e o extremista que supostamente vai querer concretizar o alvo que ele tanto almeja, demonstra, na maioria das vezes, um comportamento estranho. Pessoas com essa má índole, raramente demonstram arrependimento, não pensa que suas atitudes podem prejudicar várias outras pessoas, nem mesmo quando pratica o ato, porque o único e exclusivo desejo, é ver alguém sofrendo. Essa constatação não é só em relação as pessoas que cometem o ato em si, mas também, para aquele líder que outrora, passou as últimas instruções, para o agressor consumir o fato.

Dentro dessa ótica, percebemos que hoje, bem como, outrora, sempre existiu estudantes com características diferentes dentro da escola. O que acontecia ou acontece é que a gestão escolar, comunga com uma ideologia de que a escola é um estabelecimento de ensino, em que sua única e derradeira missão é a transmissão de conhecimento, não exercendo mais nenhum outro papel. Em outras palavras: não compete a ela prevenir situações de violência. No entanto, nós como sociedade, precisamos nos juntarmos, discutir e cobrar das autoridades em todas as esferas, para chegarmos ao denominador comum, para minimizar essas mazelas, que cada dia fica mais comum em nosso mundo.

O que observo, como guarda civil municipal da cidade de conde PB, e como estudante de pedagogia educação do campo, é que estou sempre ou quase todas às vezes em serviço e, me deparo com situações as mais adversas possíveis, tais como: eventos de agressões desde verbal, até agressão física. O pior é que isso ocorre entre ambas as partes: aluno com aluno, estudantes com professores ou mesmo com algum funcionário da escola. Diante dessa situação, perguntamos: quando vamos dar um basta nisso? Pois, ao invés de estarmos vivenciando processos de aprendizagem dentro da escola, estamos perdendo tempo e gastando nossa energia com situações que não nos levará a lugar algum.

O fato é que, na maioria das vezes, esses estudantes que cometem atos de indisciplina, agressão e *bullying* são menores de idade, e quando cometem algum ato infracional, muitas vezes, o gestor deixa passar despercebido, ficando assim, para o aluno causador da crise, a sensação de impunidade, já que nada aconteceu com ele. Refiro-me especialmente a atos de agressão física, pois se ele tiver bullying, essa fica ainda mais escondida.

Acreditamos, que isso está acontecendo, por falta de cuidados de alguns gestores escolares, porque não podemos atualmente, ficarmos pensando, somente no currículo escolar. É imprescindível que nos preocupemos com toda comunidade escolar, interna e externa, no entorno da escola, pois boa parte dos estudantes e funcionários, geralmente, moram perto desse estabelecimento de ensino, com reuniões frequentes, entre os pais de alunos, principalmente, com aqueles que estão revelando um comportamento “diferente” dentro da escola, como: faltando aula, com baixo rendimento nas notas, mais agressivos e indisciplinados, entre outras coisas. Igualmente importante, é a realização de reuniões constantes entre o gestor e todos os funcionários, só assim, podemos alinhar as demandas da escola, e evitar atos de natureza do mais simples possível, até situação com graves ocorrências, com vítimas fatais, pois quando acontece, geralmente são mais de uma vítima.

Esses estudantes, que cometeram atos infracionais, se menor de idade, são apreendidos. Se são maiores de 18 anos, são presos. A impressão que se tem é que no Brasil, para quem tem a coragem de praticar atos violentos, parece que o crime compensa.

Há algum tempo, percebemos que indivíduos vivenciavam muitas situações, nas quais tinham receio das autoridades policiais, mas, nos dias atuais, as coisas declinaram de forma exorbitante. A impressão que se tem é a de que, os pais, não tem mais domínio sobre seus filhos. Passa-se a imagem de que o pai ou a mãe não pode mais regradar o filho, porque esses por sua vez têm deveres e direitos, como bem preconiza o Estatuto da Criança e Adolescente (ECA - Lei 8069/96).

É lamentável percebermos que, o que prevalece na maioria das vezes hoje em dia, são apenas os direitos, os deveres, raramente são obedecidos. Quando discorremos acerca da dificuldade de obediência dos deveres, especialmente por parte dos adolescentes, estamos nos referindo ao papel de pai, de gestor ou professor, quando esses alunos estão no seu segundo lar, estamos falando desses dois lugares, pois quando estão fora desses, dependendo do aluno, passam na ausência dos pais, que geralmente estão na labuta, a fazerem coisas desagradáveis, de modo que quando os pais são

informados de atos violentos ou outras situações adversas, praticados pelos filhos, praticamente, todos já sabem.

Nesse passo, esse trabalho de conclusão de curso, buscou destacar a verdadeira “bomba relógio da atualidade”: a violência escolar. É inegável que essa problemática, teve origem não só dentro do espaço escolar, mas também fora dele, sobretudo, por falta da criação de políticas públicas mais eficazes, no tocante a segurança, em especial, no aspecto da prevenção, com a adoção de estratégias capazes de enfrentar as situações de violências ocorridas no espaço escolar, mas também prevenindo-as.

Comumente, a violência começa de forma verbal e psicológica. Só depois, ela avança para a violência física. Embora não disponha de dados para comprovar o que estamos a afirmar, nossa experiência na área da segurança pública, e como estudante de pedagogia, realizando estágios nas escolas, mas em especial, como observadores de diversas situações de violência no contexto escolar, nos dão respaldo para supor que muitos gestores são omissos e negligentes nos casos de violências, como uma forma de não repercutir negativamente na sua gestão e no entorno da escola. Sabemos que essa não é a melhor solução para reduzir as situações de conflitos.

O que precisamos de pronto é parar e dá um basta nessas situações. Escola não é ringue, portanto, deve ser um espaço único e exclusivo de transmissão e produção de conhecimentos. Mas, nos últimos anos, nos deparamos com noticiários, mostrando que alguém entrou na escola ou CREI, e vitimou alunos, professores e funcionários e depois tirou a própria vida.

No entanto, se paramos para dar um pouco de atenção, a esse tipo de ocorrência, poderemos evitar mais tragédias. Algumas soluções estão a um palmo da nossa mão, como investir num sistema de monitoramento, dentro e fora da escola. Mas, nesse caso, o que pode acontecer: autoridades impedirem a adoção desse tipo de medida, sob a alegação de que representa um constrangimento para as crianças. Porém, não podemos esquecer que muito mais do que um constrangimento, foi o que muitas famílias passaram, ao perderem um ente querido, que não voltará mais ao convívio familiar. Nesse

caso, pergunta-se: onde está a empatia? Percebe-se que são poucas as pessoas que se colocam no lugar do outro.

Por presenciarmos e vivermos bem próximo dessas realidades, ainda acreditamos, na educação, este é o único caminho, para um futuro dos nossos jovens. Fazendo uma leitura do evento de Realengo, em que foram vitimados vários alunos, especificamente mulheres, e que depois, segundo o noticiário, devido a chegada da polícia, que interveio atirando no agressor, esse por sua vez, quando viu o tamanho da barbárie que cometeu, não pensou duas vezes, tirou a própria vida. Tudo isso aconteceu, segundo o noticiário local, em razão do agressor, ter sido vítima de bullying. E, tendo sofrido uma agressão muito danosa, essa funcionou como o estopim, fazendo com que ele planejasse o passo a passo do ato violento, como: buscando conhecimento em aulas de tiro ao alvo, comprando as armas, bastante munição, bem como, lendo livros que estimulavam ainda mais o cometimento da ação violenta.

No tocante ao *bullying*, acreditamos que não podemos mais aceitar esse tipo de agressão, é um tipo de situação muito desagradável, além de promover sérias consequências, especialmente, no contexto escolar.

4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ao iniciarmos este trabalho, com muitos questionamentos sobre violência escolar, buscamos uma definição, mais assertiva, sobre o que é bullying, e como este mal é enfrentado pelas escolas e por suas comunidades no entorno.

Ao longo de nossa jornada de escavação vimos que existe uma diferença entre violência escolar e *bullying*. O primeiro está ligado a agressões físicas, violências sexuais, roubos, depredação do patrimônio escolar etc. Já o *bullying* está ligado a um ato de perseguição que se repete sistematicamente contra uma pessoa ou mais. Geralmente está ligado a cor da pele (racismo), intolerância religiosa, características físicas, origens étnicas etc. Essa confusão, causada pela definição pouco esclarecedora do que é *bullying*, no contexto de violência escolar, pode prejudicar o desenvolvimento de ações, que visem a prevenção, mas, que devem ser adotadas pelas instituições de ensino no enfrentamento à selvageria.

No nosso ponto de vista, as dificuldades em combater tal mal, passam por inconsistências familiares, ausência de ações do poder público, planejamento pedagógico e execução das ações, não efetivadas, por parte das escolas, ou seja, um conjunto de falhas que não permite o alcance do objetivo maior da escola que é a formação para a cidadania e a civilidade, prejudicando o atendimento de crianças e adolescentes, sendo estes, os mais vulneráveis e os que mais sofrem com este mal.

Buscamos esse tema, devido estarmos trabalhando no dia a dia, junto a esses problemas que foram discutidos neste trabalho de conclusão de curso, numa disciplina cuja sua funcionalidade é de formar, nos anos iniciais, crianças para o futuro de um Brasil sem violência, desejando que seja um país mais justo, sem discriminação racial, que ultimamente, vem se alastrando em nível mundial.

Nessas considerações finais, ainda cheio de incertezas, nutrimos a esperança de dias melhores, acreditando que a única saída para todas essas problemáticas seja uma educação equânime, sem muita disparidade, para que todos consigam estar no lugar certo, sendo um desses, a escola.

E, quando nos referimos ao “tripé da vida”, estamos falando em primeiro lugar na educação, depois na saúde e por último, a segurança. Mas, devido algumas brechas, regalias e outras tantas coisas, o negócio decaiu, de forma preocupante.

Temos presenciado cotidianamente, a ocorrência de vários delitos, seja nas ruas, seja nos lares, na escola, enfim, em vários lugares, assolando nossas vidas. E, a segurança está assumindo o topo dessa situação, que fazendo um balanço geral, vemos que não é a solução, é apenas um paliativo, porque aparece tudo e todos, para tentar dar aquele jeitinho brasileiro. No entanto, não podemos parar. É contra todas as formas de violência que encontraremos a solução e dias melhores.

A atividade docente tem muitos desafios, o ato de ensinar possui peculiaridades que muitas vezes se tornam difíceis de serem percebidas, resumir uma atividade em sala de aula à mera relação conteúdo – professor – estudante é subestimar as várias situações passíveis de acontecer, não podemos descartar nenhuma situação, tudo é possível.

Contudo, o professor, não pode estar sozinho nesta empreitada, ele tem um objetivo central: ministrar aulas. A mediação de conflitos em sala de aula, em um primeiro momento é um compromisso de ético, e não uma atribuição exclusiva do professor. Desta forma, o apoio administrativo da escola é fundamental para a solução dos conflitos, que por desventura, venha a acontecer.

A atuação de todos os profissionais envolvidos no funcionamento da escola, deve proporcionar um ambiente de sala de aula, harmonioso e livre de violência. Para isso, os casos de violência devem ser imediatamente comunicados à direção da escola, a quem cabe as decisões mais imediatas.

Os professores precisam passar por treinamento com vistas a abordagem, inteligente, na mediação de conflitos em sala de aula. Nessa direção, a formação continuada se apresenta como uma alternativa de oferecer uma base, para que o professor consiga desenvolver uma atitude de liderança em sala de aula, que evite ao máximo a interferência externa à sala, sendo esta necessária em último caso, quando se esgotam todas as possibilidades de

controle da situação. Esta autonomia é fundamental para o resgate da figura do professor, não como ditador, mas, como uma autoridade em sala de aula, algo difícil de ser percebido atualmente.

Portanto, cabe ao professor, com o auxílio da supervisão escolar, identificar a prática de atos violentos e promover a imediata solução dos conflitos, sem perder de vista o aspecto pedagógico no tratamento de cada situação. Nesse sentido, o grande desafio do professor é perceber e comunicar todos os casos de violência, e estes no nosso entendimento, precisam de atendimento diferenciado, que envolve outras áreas de conhecimentos como psicologia, assistência social, que visem o tratamento que cada ocorrência exige.

Para isso, a pacificação de nossa sociedade demanda compromisso coletivo, seja na formação de professores, seja na estruturação do espaço físico escolar ou nas políticas públicas que precisam ser desenvolvidas para o fortalecimento de nossas instituições de ensino.

Enfim, é preciso reconhecer que são as crianças e adolescentes, os que mais necessitam de orientação e acompanhamento integral. Mas, a escola não consegue fazer isto sozinha. Essa tarefa é da sociedade como um todo, família, comunidade escolar, poder legislativo, órgãos de segurança pública e outros que possam contribuir com o enfrentamento da violência escolar e o *bullying*.

Por isso, através dessa pesquisa bibliográfica, inferimos que não existe uma receita pronta que direcione o enfrentamento da violência escolar. No entanto, acreditamos que é um desafio possível de ser superado, bastando para isso o engajamento na produção de uma educação libertadora e promotora do desenvolvimento social, cultural e econômico de uma nação.

REFERÊNCIAS

BRASIL. LEI Nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996. Estabelece as diretrizes e bases da educação nacional. Brasília, DF. 1996. Disponível em: <https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/l9394.htm>. Acesso em: 16 nov. 2022.

_____. LEI Nº 12.594, de 18 de janeiro de 2012. Dispõe sobre O Sistema nacional de Atendimento socioeducativo. Brasília, DF. 2012. Disponível em:<https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_Ato2011-2014/2012/Lei/L12594.htm>. Acesso em: 16 nov. 2022.

_____. LEI Nº 13.260, de 16 de março de 2016. Dispõe sobre O Antiterrorismo. Brasília, DF. 2016. Disponível em: https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/l8069.htm. Acesso em :16 nov. 2022.

_____. LEI Nº 13.185, de 6 de novembro de 2015. Dispõe sobre o Programa de combate a intimidação sistemática (*Bullying*). Brasília, DF. 2015. Presidência da República, [2015]. Disponível em: <https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2015-2018/2015/lei/l13185.htm>. Acesso em: 07 nov. 2022.

CARNEIRO, Silvia, Andrade. **VIOÊNCIA ESCOLAR:** Entre teorias e experiências, um estudo na cidade de Santa Rita – PB. João Pessoa, 2020.

Cengage Learning Edições. **Psicologia, Educação e Novas tecnologias [recurso eletrônico]** / Cengage Learning. – São Paulo, 2016.

CERVO, A. L.; BERVIAN, P.A.; SILVA, R. **Metodologia Científica**. 6. Ed. São Paulo: Pearson Prentice Hall, 2007.

CNE. **Base Nacional Comum Curricular (BNCC)**. [s.d.]. Página inicial. Disponível em: <http://portal.mec.gov.br/conselho-nacional-de-educacao/base-nacional-comum-curricular-bncc>. Acesso em: 16 nov. 2022.

CONSTANTINI, A. **Bullying, como combatê-lo?**: prevenir e enfrentar a violência entre jovens. Tradução Eugênio Vinci de Moraes. São Paulo: Itália Nova Editora, 2004.

Especialistas indicam formas de combate a atos de intimidação. Ministério da Educação, Brasil, 20 de abr. de 2017. Disponível em: <<http://portal.mec.gov.br/component/tags/tag/34487>>. Acesso em: 25 abr. 2023.

FANTE, C. & PEDRA, A. **Bullying Escolar**: perguntas e respostas. Porto Alegre: Artmed, 2008.

GOMES, Luiz Flávio, **Bullying e prevenção da violência nas escolas: quebrando mitos, construindo verdades** / Luiz Flávio Gomes; Natália Macedo Sanzovo; Alice Bianchini e Ivan Luís Marques (Coordenadores). – São Paulo: Saraiva, 2013.

MONTEIRO, L. **O que todos precisam saber sobre o Bullying**. **Jornal Jovem**, nº 11, setembro de 2008. Disponível em: <<http://www.jornaljovem.com.br/edicao11/convidado03.php>>. Acesso em: 22 de mar. de 2023

OLIVEIRA, Vilma Nunes de. **Violência na Escola como reflexo da sociedade**. João Pessoa: UFPB, 2014.

Origem da violência. UNESCO, c2020. Disponível em: <<https://pt.unesco.org/courier/2020-1/origens-da-violencia>>. Acesso em: 13 nov. 2022.

PeNSE 2019: **uma em cada cinco escolares sofreu violência sexual**. Agência de notícia IBGE. C2021. Disponível em: <<https://www.agenciadenoticias.ibge.gov.br/agencia-sala-de-imprensa/2013-agencia-de-noticias/releases/31575-pense-2019-uma-em-cada-cinco-escolares-sofreu-violencia-sexual>>. Acesso em: 12 abr. 2023.

PIA, Jefferson da Silva. **Educação emocional e prevenção à violência escolar** / Jefferson da Silva Pia, João Pedro dos Anjos Figueiredo. – João Pessoa, UFPB, 2016.

Requerimento da Comissão de Educação, Cultura e Esporte nº 33, de 2023. **Senado federal**, Brasília, 10 de abr. de 2023. Disponível em: <<https://www25.senado.leg.br/web/atividade/materias/-/materia/156742>>. Acesso em: 12 abr. 2023.

SILVA, Fábila Geisa Amaral. **Apresentando as causas da violência escolar** [livro eletrônico] / Flávia Geisa Amaral Silva. 2. ed. – São Paulo: Blucher, 2017. Disponível em: <
<https://scholar.google.com.br/citations?user=ixd5YwUAAAAJ&hl=pt-BR>>.
 Acesso em: 14 de out. de 2022.

VELOSO, Natália. PIMENTEL, Juliana. Brasil teve 5 ataques com mortes em escolas em 2022 e 2023. **O poder 360**, Brasil, 05 de abr. 2023. Disponível em: <
<https://www.poder360.com.br/brasil/brasil-teve-5-ataques-com-mortes-em-escolas-em-2022-e-2023/>>. Acesso em: 01 de maio de 2023.

VINHA, Telma. SANTOS, Catarina de Almeida. **O perfil do extremismo nas escolas e como a sociedade precisa agir**. 2023. Disponível em: <
<https://porvir.org/o-perfil-do-extremismo-nas-escolas-e-como-a-sociedade-precisa-agir/>>. Acesso em: 05 de maio de 2023.

Violência e escola: escuta de professores e análise das práticas profissionais de orientação psicanalítica. UNESCO c2015. Disponível em: <
<https://unesdoc.unesco.org/ark:/48223/pf0000245436posInSet=3&queryId=d1b4f1d1-b65d-4e16-bbfc-5cb746fc7b01>>. Acesso em: 01 nov. 2022